

## A palavra errada

Quando resolvi escrever, quis encontrar a frase certa, livre de imprecisões e erros de qualquer espécie. Daí veio a intenção de um título, a palavra exata.

Mas percebi que este era um engano, o engano. A palavra perfeita não existe. O que se pode fazer é unicamente tatear os signos e colocá-los numa ordem vacilante. O mais é pura especulação.

Pois quem escreve deve estar pronto para enfrentar o abismo, e este não pode ser outra coisa que não a vertigem que nos coloca diante de nosso medo e de nossos limites.

Eis aí todo o vigor e força da escrita; sem nenhuma promessa, ela nos conduz para o lugar que chamamos nós mesmos, colocando-nos diante de nossa tempestade, nossa fúria, nosso errático caminho rumo ao desfiladeiro adiante.

## A conversa infinita

Vantagem ou não, uma conversa virtualizada pode funcionar como um contínuo, uma linha indeterminável de um diálogo único que prossegue indefinidamente, sem qualquer perspectiva de fim.

Eles se disseram oi há cerca de oito anos, e nunca apagaram suas conversas. Falam-se quatro a cinco vezes por semana. Passam pela metafísica e pelo cinema, pela política e o almoço em família. A frase mais recente publicada foi “acho que sim”, que prosseguirá com um bom dia.

Até que uma força atue contra o movimento, a conversa tende a se prolongar infinitamente, a atravessar as represas igualmente prolíficas dos dias, dos meses, dos anos.

## O último niilista

Sentados à mesa, eles aguardam pela chegada de mais um amigo, e, por educação, pediram apenas água. Por gentileza ainda, conversam assuntos laterais,

deixando os mais densos para depois. Stênio mostra as fotos de sua última viagem. À excessão de Pedro, todos olham com interesse.

- Espanha, não?

-Madri.

Um tanto impaciente, Pedro olha para os lados. Incomoda-o observar os amigos confabulando em torno de tolas fotografias. Pior é trocar ideias sobre companhias aéreas, horário de vôos, o pão com manteiga, o quarto de hotel, sobre nada que valha um segundo, é o que pensa.

- Gostei desse restaurante.

Sem ânimo para parecer interessado, apanha o telefone. Vê na rede social que o amigo postou as mesmas fotos que agora lhes mostra. Cada uma com legenda, com seus agradecimentos, com palavras de afago, com um se sentindo contente, para delírio dos demais.

Nem sempre foi assim. Mais jovens, eles eram o grupo dos que não cediam às facilidades medíocres da existência, que viam a iniquidade do estar no mundo, os que exploravam abismos e sabiam que as glórias e êxitos não passavam de coisas vãs. E não agiam desse modo por modismo intelectual. Tinham percebido a vacuidade das coisas, e esta então se instalara neles como verdade irreprimível. Não havia como e por que mudar.

Mas mudou. E muito. Não eram as breves concessões que o incomodavam. É preciso ser pragmático em alguns momentos. Em outros, há prazeres que não denigrem. O que não poderia suportar era essa adesão irrestrita, esse culto desmedido, que os punha em igualdade com aqueles que tanto combateram, ou menos, pois desvelavam a inveja oculta que deles sentiam. Ao final, o que todos querem é ser felizes, nada mais.

Restava, ainda, Mauro. Dentre eles, destacava-se costumeiramente pelo excesso de sarcasmo, pela indiferença que muitas vezes soava forçada, mas que acabava denotando um desejo de ascese, de afastamento, de uma distância crítica que lhe permitiria manter-se longe das tolices medianas. Embora patético, era uma figura que parecia disposta a resistir.

- Senhores, desculpem o atraso.

- Novidades?

- Comprei um relógio para corridas.

- Ah, e como funciona?

Animados com as explicações sobre o aparelho, os amigos não perceberam quando Pedro levantou-se da cadeira serenamente e partiu sem dizer qualquer palavra.

Do fim

Em sua cama secular, defronte à janela, o grande magistrado agoniza e vive seus últimos dias. De modo sereno, recebe os amigos mais próximos e despede-se dos parentes, com prescrições e aconselhamentos.

Levara uma vida austera e respeitável. Mais de quarenta anos de tribunal, trabalhados com afinco. Marido exemplar, pai responsável, figura pública com algumas das mais altas condecorações, tinha como passatempo a numismática e a leitura de livros jurídicos. Conhecido filantropo, ergueu voz diversas vezes em favor de causas beneficentes.

Agonizava como vivera, em silêncio calmo e pacífico, sem importunar muita gente. Num dos dias em que o sol o iluminava com mais força, chamou por Sabrina, a neta ausente, que há muito fora estudar gastronomia na Europa, contrariando a tradição de advogados da família. Não tardaram muitos dias, e ela então apareceu.

-onde ele está?

Aproximou-se do doente, que já não tinha nada do vigor que ainda frequentava as pálidas lembranças da jovem. O velho lhe sorriu discretamente, abraçou-a, sussurrou alguma coisa em seu ouvido, ao que ela reagiu sem expressão, e tornou a recostar-se ao travesseiro, cerrando os olhos. Ela partiu sem falar muito.

Algumas semanas depois morreu. Houve lágrimas sinceras.

Muitas autoridades compareceram ao enterro. Todos lembraram o grande homem e profissional impecável. Palavras de elogio e agradecimento enchiam os discursos. No dia seguinte, notas de jornais impressos destacavam os acontecimentos, e cronistas o rememoravam com afeto. “Um homem raro”, era o que diziam, em suma.

Sabrina não foi ao enterro nem tampouco compareceu às reuniões sobre o testamento. Também não foi às missas e sessões solenes. Só apareceu meses depois, quando a mãe lhe pediu que viesse assinar alguns papeis, para que pudesse lhe transferir os bens deixados pelo avô.

Chegada à casa da mãe, ficou por dois dias. Os parentes prepararam um almoço e encheram o lugar. Simpática, falou com cada um deles, disse estar contente em vê-los, mas sempre que podia ressaltava que iria embora no dia seguinte. Tinha muitas obrigações acadêmicas.

E, alegres e contentes, encerraram o dia, pedindo-lhe que voltasse tão logo terminasse a graduação, ao que ela respondeu afirmativamente. Afinal, aquela era sua cidade.

De saída, Thomas, um dos primos com quem falava com mantinha conversas profundas, abraçou-a longamente, e depois observou-a seriamente.

-o que ele lhe falou?

Ela alinhou os olhos aos dele, com a mesma gravidade.

- disse que todas as glórias são vãs, que a vida é um esforço estúpido e inútil, que estamos perdidos no limbo e que a existência é a perpetuação contínua de nossa miséria, mas a arte nos redimirá.

## Filofagia

Serge tem um problema. Suas amizades não duram muito. Mas não é como o que ocorre com a maioria. As coisas se dão de forma inusitada.

Mas Serge também gosta de palavras e, em um de seus exercícios terapêuticos, surgiu uma –ao menos segundo ele pensa- para seu diagnóstico: filofagia.

Por filofagia, ele entende a capacidade do indivíduo de consumir suas amizades, de devorá-las para depois nada restar. Pensou em outras coisas, mas nada se enquadrou tão bem ao seu caso quanto essa patologia.

Não parou por aí. Num exercício de anamnese, mapeou os sintomas e evolução do quadro, a fim de patentear a descoberta. Desse modo, revisitou a memória e traçou um quadro dos episódios que evidenciam os sintomas, organizando-os em ordem cronológica.

1- Meline e ele tinham quinze anos quando teve sua primeira experiência sexual com ela. Óbvio falar que foi seu primeiro amor, pois quem não se apaixona pelo

sexo? No entanto, as coisas desandaram quando ela disse, de passagem, que não simpatizava muito com seu ator favorito. Desde aí, o ocaso se instalou. Passaram a se falar violentamente, cada vez com mais ímpeto, até que um dia passaram a não se falar com o mesmo ânimo que tinham quando estavam em conflito. Estupidamente, ainda ligou para ela.

-eu te amo.

O que não resolveu nada. Ou melhor, tornou claro que o romance e o que mais havia entre eles tinha acabado. Assim, não lhe falou mais. Alguns anos depois, encontraram-se por acidente num shopping. Ela sorriu. Ele deu as costas.

2- Roberta durou muito menos. Dois dias, três? Não sem lembrava. O fato é que conversaram durante manhãs e tardes inteiras, depois nada. Fez todas as perguntas, ouviu todas as respostas, e sabia que depois disso a amizade entre eles estava esgotada.

Nesse momento, teve a primeira intuição a respeito da doença – ou o que quer que fosse – não era natural que uma amizade promissora terminasse com tão pouco tempo. Por outro lado, via a relação como uma experiência densa, o que o fez pensar numa voragem que devassasse o que havia entre eles, e que esta partia dele, que não se sentia capaz de deixar nada para depois.

3-Pedro durou bastante até. Companheiro de futebol e de noitada, a amizade progrediu até os primeiros anos da fase adulta. Mas a coisa se rompeu quando ele lhe falou algo em português sofrível. Há uma diferença cultural aqui, pensou. E havia. Claro, ainda insistiu, tanto porque não queria parecer um elitista, mas o fato é que não sobrou nada depois daquele “eu não mim esforcei” escrito após uma prova de matemática, terceiro ano do ensino médio. Era como se as portas do novo mundo estivessem abertas, mas não para seu amigo, um triste peso a ser deixado para trás. Quando percebeu que afundaria se o carregasse, largou-o sem pena. Também o encontrou muitos anos depois, ensaiaram um diálogo, sem sucesso.

4-Lilian, como poderia não tê-la amado? Lilian e Sergue, os cavaleiros heroicos da Sociologia Crítica – aqui, suas anotações perdem o pouco que tinham do caráter pontual e objetivo, e caem no juízo de valor descarado, mas que não compromete a análise – que andavam juntos por todas as partes, sem serem no entanto

amantes, mas falando-se, rindo dos outros, enquadrando-os cada qual em seu tipo e sendo felizes com isso. Um típico casal das humanidades.

Foi ela que percebeu primeiro os sintomas da amizade consumida, e passou a evitá-lo, pois sabia das impossibilidades de que algo novo viesse à tona. Mas ele insistiu, porque não sabia, e também não sabia que a havia magoado inúmeras vezes, em especial quando desdenhou de seus afagos e a chamou de pouco atraente. Farta dele e de seu modo de relacionar que conduz a sensações intensas e imensas, levando-as ao limite para depois esvaírem-se num tédio pós-gozo, afastou-se sem mais, o que, pelas conhecidas leis de ação e reação, deu sobrevida aos seus interesses, até que tudo se encerrou em discussões, livros e artigos rasgados.

5- Lena dura até hoje, mas o que tinha entre eles acabou. Moram juntos e arrastam-se numa amizade demorada, um prato vazio. Fez de tudo com ela. Amou-a intensamente em noites frias, desdenhou de seus namorados, iludiu-a com promessas de amor inexistente, e eis que chegou ao ponto em que não quis mais nada, o preciso instante de atuação da patologia.

Nas próximas férias, ela visitará os pais em outra região. A passagem já está marcada. Ambos sabem que não irá voltar, mas não se comentam isso. Ele também sabe que eles poderiam ter dado muito certo, não fosse seu problema e sua completa impensão para resolvê-lo. Uma pena.

Sergue encerrou aí seu registro, considerando ter já um número suficiente de casos – ou sintomas- para diagnóstico. Pensou que seu estudo carecia de cientificidade, já que não tinha sequer um método pelo qual seus exemplos poderiam ser avaliados. Também lembrou que em suas pesquisas eletrônicas não havia um mínimo registro de doença parecida, e o que chegava perto surgia sob outro nome. Refletiu um pouco mais, já próximo da meia-noite, e decidiu que não tinha feito senão escrever um pouco sobre suas amizades perdidas. A filofagia não teria qualquer fundamento.

Ficou nele um lume de possibilidade, uma desconfiança confusa e imprecisa, junto à ideia de que talvez estivesse no caminho para algo grande, uma descoberta revolucionária, para a qual suas palavras não estavam, e talvez nunca estivessem, ainda prontas para enunciar, como os versos de uma canção ouvida numa língua já extinta.

A escrita avança sobre o papel como um exército inquieto, sob uma voz de comando que ordena unicamente que ataque, que progrida contra o vazio da folha de modo incessante. Obediente, o escritor tenta não pensar, obedecendo aos fluxos e refluxos da Ideia, sem definição do porvir, apenas fazendo-o.

Eis o dia de Claude Baumer, cercado de si e de pouco barulho, envolto em seus textos. O primeiro inicia em tom de confissão de matalinguagem.

-nunca gostei de escrever à máquina. O teclado sempre me pareceu algo desinspirador. Mas começo a ver alguma poética nos sons conflituosos do teclado, na imagem da folha em branco, no brilho intermitente do cursor, à espera da palavra.

Pausava, refletia um instante a respeito do fragmento. O que estaria escrevendo? Como dar sequência às primeiras linhas? A literatura, com todas as suas discussões teóricas, reduzia-se a esse único problema.

Claude não sabia se estava escrevendo um romance ou um conto, muito menos tinha noção do que queria escrever, se romance ou conto. Também tinha complicações de estilo. Tais elucubrações impunham-se ao ritmo das palavras, refreando seu ímpeto, paralisando-o assim como o texto. Uma ponte e um meio caminho.

A escrita perfeita ou lancinante? A arte do romance ou a imprecisão pós-moderna?

Durante muito tempo, pensou que seria Flaubert. Imaginou-se escrevendo uma narrativa modelar, límpida, um triunfo de composição. Alguns erros depois, viu que jamais chegaria a esse ponto.

Depois lançou-se numa literatura ansiosa, inquieta. Mas o que saía se lhe afigurava completamente juvenil. E, em vez de um romance de formação, o que tinha era uma prosa imatura, que o aprisionava na adolescência.

-Achar o tempo, deixar a trama seguir, configurar a intriga; sem atropelos, sem lances de prestidigitação, ao passo que se esconde o truque, que não se deixam à mostra as engrenagens da engenharia. Eis, aí, o resumo de uma estética.

Sabendo que não poderá chegar aonde imagina, Claude segue em frente. Preenche as linhas com coisas que ora o agradam ora o incomodam, em busca de uma história razoável e verossímil. Sim, ele quer ser um autor realista. Como se já não lhe bastasse a vacuidade das coisas, perturbadora o bastante para que a maioria dos homens não procure em nenhum momento dizer qualquer coisa que seja sobre elas.

## O grupo dos trágicos

Julio, Castro, Amanda, Sandro, Irene. Amigos bem mais que juntos, embora aceitem o conflito e a separação. Apreciam-se então juntos, mas não raros são vistos apartados.

E nenhum deles ousa dizer ao outro o que faz. Levam uma vida dupla, uma para si e outra para os amigos, uma que gozam juntos e outra que traz os prazeres particulares, e não sabem dizer onde gozam melhor, onde o usufruto é mais pleno e verdadeiro.

Os amigos observam o mundo tragicamente. Uma sucessão rítmica de acasos inexplicáveis, uma ausência completa de significado intrínseco, um episódio fortuito que merece ser vivido somente com seu vigor e sua paixão. Intitulavam-se o grupo dos trágicos.

Não que dessem atenção a isso. Não que se sentissem destacados dos demais, não. Apenas se sentiam como trágicos. Outros talvez poderiam sê-lo, não sabiam. O importante é que eram trágicos e assim se chamavam.

Julio escrevia anúncios publicitários. Pensou em fazer cinema, mas viu que para tanto não teria dinheiro nem talento. Restou enganar pessoas com apelos sentimentais e pequenas anedotas, servindo ao grande capital. “é só trabalho”, pensava ele. De resto, imaginava poder ser o que quisesse, mas nem sempre era. Boa parte do tempo, agia como se espera, mas não a sua maneira. Não gostava disso, porém esquecia tais questões em incursões eróticas e intelectivas.

De Castro não se sabia nada. Ele não contava a ninguém.

Amanda fez sua primeira tatuagem aos 12 anos, e não parou. Pensou em ser profissional na área, no entanto percebeu que gostava mesmo é de tatuar o corpo. Apreciava a amizade e a culinária vegetariana. Trabalhava seis meses e nos seguintes derretia o que ganhara em viagens inesperadas. Acordava cedo e, com o dia ainda escuro, caminhava na praça em frente a sua casa.

Sandro já estava no mundo antes dos demais. Fora casado. Segundo ele, foram 4 anos congelados no tempo. Amava, mas a moral parecia um obstáculo à tranquilidade. Quem pode ser feliz seguindo manuais estritos de conduta? Diante do abismo iminente, mudou o curso e fugiu para a Londres, não sem antes deixar à esposa boa parte do que



tinha e do que não, num ato sincero de desprendimento. Voltou derrotado da Europa, mas descobriu alguma coisa sobre si mesmo. Tinha fracassado a e aceitava o destino com franca resignação.

Irene abraçava muitos e amava a solidão. No silêncio em que pensava e ouvia música, escrevia poemas. As palavras aparecendo no papel, por força de uma ordem mental desconhecida, encantavam-na. Não tinha qualquer intenção de publicar, não se animava em mostrar. Amava o que escrevia, com a força dos amantes silenciosos, que enganam o mundo com sua discrição.

Reuniam-se às sextas, sábados, domingos, feriados e festas de fim de ano. Ora liam poemas, ora dançavam freneticamente o ritmo da moda. Pouco ligavam para a passagem do tempo, ou as preocupações do dia, ou se o que faziam era bom, se era ruim, se aquilo duraria muito ou pouco. Por que fazer perguntas desnecessárias?

Envolvidos nas existências uns dos outros, olhavam para o mundo com a calma perigosa dos equilibristas. Assim era o grupo dos trágicos.

### Ansiedade geral

Rodrigo anda para os lados. Movimenta-se. Senta. Liga a TV. Abre o jornal. Não pensa.

Um amor perdido e desperdiçado há poucas semanas. Agora no vazio-silêncio da casa tenta interpretar a sensação que o habita. Que terá sido, senão uma breve inquietação, um desespero sutil fustigado pelo tédio e que ostenta uma inércia dominante?

Mas é sempre preferível querer algo a querer o nada. Certo disso, parte para a rua. Vagando a esmo, perambulando por ruas ora desertas, ora estreitas, entrando e saindo de shoppings onde esbarra em gente desconhecida, não se contenta. Perturbam-no os sons, os objetos, os rostos, as escadas rolantes e o mais que antes lhe agradava. Não se sente à vontade para um café.

Retorna. O silêncio é cáustico, corrosivo. Por sorte, o sono vem. É uma paz momentânea. Porém ele sabe que, tão logo a manhã se aproxime, voltará a carregar a

pedra de Sísifo, e que esta se tornará mais pesada a cada dia, a cada hora que repete seu ritmo lento e de angústia interminável.

Sessão semanal

- então é essa sua posição: o artista não passa de uma patologia.

- sim.

- e qual seria?

- talvez mais de uma. Na maioria dos casos, depressão e seus sintomas correlatos.

- não consigo deixar de achar curioso o argumento.

- na verdade é muito simples e fácil de constatar. Em grande parte, aqueles que se dedicam à arte sofrem de grande inquietação, sentem uma necessidade profunda de expressar esteticamente seus estados internos, falam constantemente em sofrimento, descrevem de forma exaustiva os conflitos e as dores do mundo, como se isso fosse a regra universal. Na verdade, não podem se referir às coisas de outro modo porque é assim que veem tudo.

Houve uma pausa entre eles. Normalmente, esse era o momento em que o terapeuta aproveitava para investigar o paciente, perguntando sobre seus estados de humor nos últimos dias. No entanto, a conversa prosseguiu.

- então não existem artistas felizes e saudáveis?

- talvez existam, mas em menor número, e provavelmente não escreveram as grandes obras.

-você já recebeu artistas aqui?

- nenhum de renome.

- então como pode comprovar o que está falando?

- pelos sintomas.

- que sintomas?

-basta ler as obras. Mais do que as biografias, elas são um indicativo bastante claro para o diagnóstico.

- então é isso a literatura, uma manifestação patológica?

- acredito que sim.

Mais uma pausa, porém dessa vez não houve a menor intenção de mudar de assunto. Já fazia um tempo que pouco lidavam com o tratamento. Os assuntos mais importantes para eles eram claramente outros.

- mas não só os artistas são assim. Os filósofos também agem da mesma forma. Passam um bom tempo elaborando conceitos como angústia, nadação, contingência, absurdo. É o mesmo caso.

- você falou da literatura. E as outras artes?

- não entendo muito sobre elas, mas deve ser a mesma coisa.

- então um artista curado deixa de fazer arte?

- provavelmente não fará mais nada importante.

- e o que os médicos e psicólogos devem fazer? Recusar tratá-los?

- acho que não poderiam fazer isso.

- a aceitação pode ser o fim da arte.

- a menos que os artistas não queiram ser tratados.

- a julgar pelo fato de que continuam escrevendo, não querem.

-curioso você falar essas coisas.

-por quê?

-porque estava pensando em escrever contos.

-contos? Ficção?

-sim.

-é um bom exercício.

-acha que devo escrever?

-é uma opção sua.

-você é o analista.

-pode ser bom, você pode usar isso como atividade terapêutica.

-certo, até melhorar. E depois?

-bem, se conseguir parar, é porque está curado.

-o que seria uma pena. Mas e seu eu continuasse, mesmo estando bem? Acho que refutaria sua tese.

- se fizesse isso, é porque não se tornou um bom escritor.

Ele olhou para o livro na mesa, pensou em fazer um comentário, mas se deteve. Tentou concentrar-se novamente nas palavras do analista.

- comece registrando suas sensações, depois lhe dê adornos inventivos. Com paciência, verá que pode sair uma boa prosa.

-é o que espero.

-eu também

-só preciso arrumar tempo.

-comece devagar. Mas lembre-se de que a prioridade está nos exercícios físicos.

Eles trazem mais benefícios. Mantenha a regularidade nas caminhadas.

- tudo bem.

-nosso tempo está esgotado.

-ah, sim.

-até mais, tenha uma boa semana.

Cumprimentou o paciente, abriu-lhe calmamente a porta e em seguida olhou-o com complacência, despedindo-se.

-se não vier na semana que vem, já sabe o motivo.

Ele sorriu.

-eu sei.

## Fidelidade

Há dezesseis anos, ali vivia, em contumaz companheirismo, o cão. Perto do dono, procurando afagos, rosnando para suposto inimigos, afugentando os que pretendiam roubos, ali estava, sempre de um lado para o outro, e quieto em horas de sono que não se viam.

Mas aconteceu de adoecer. A família logo o notou amuado, sem ânimo. Pensaram que iria melhorar. Não melhorou. Foi a vez de chamar um veterinário.

-vou aplicar glicose.

-é grave.

-acho que sim.

- e o que é que ele tem?

-idade.

Deixou telefone e endereço, e encarregou-os de avisar de alguma piora. A família, envolta em desassossego, cuidava dele como nunca. Faziam-lhe os pratos preferidos, acolchoavam-no em almofadas confortáveis, traziam afagos e esperavam a convalescência, que não vinha. Angustiava-se mais o patriarca. Criara o cachorro desde sempre, e a ideia da perda não era nada bem vinda.

Deitado, absorto, o cão parecia refletir sobre o que fizera, o cuidado com os donos, as fugas esporádicas, as brigas na rua, as cadelas e a inquietação do cio. Pensamentos de uma vida que então todos achavam que lhe corriam na mente e davam algum alento. Não fora uma existência desperdiçada.

Eis então que voltou a andar pelo quintal, lento, mas regularmente. Um sorriso abriu-se na casa. Vendo a reação do animal, o patriarca não se continha.

-ainda vai durar muitos anos.

Frágil engano. Numa tarde de muito sol, caiu na grama e começou a latir baixo e a reclamar de dor. Os que estavam em casa correram rapidamente em socorro. A mãe, tendo guardado o telefone do veterinário, ligou, prontamente.

- chego em 20 minutos.

Deitaram-no à sobra, e deram o que beber. O cão olhou-os terno, como quem suplicasse um alívio, e depois fechou os olhos. Os movimentos ficaram lentos. Os filhos esfregaram a comida em seu focinho, mas sem resposta. Aplicaram os remédios, e ficaram todos ali estáticos, esperando uma reação.

A mãe olhou para o relógio e viu que já passava de vinte minutos, e apanhou o telefone novamente. O homem atendeu, e ela agradeceu a ele pela presteza e atenção dispensadas. Depois pediu que regressasse.

O veterinário, afinal, não era mais necessário.

## O enigma da arte

Os viajantes que visitam Paris procuram imediatamente pelos museus e maravilham-se com eles. Certamente, é essa a rotina do Louvre e de outros locais celebrados do velho mundo, e há quem diga que em qualquer lugar é assim. Porém, o que os otimistas não sabem é que para muitos esse lugares não passam de prédios normalmente envelhecidos e que funcionam como depósito de arte.

Era o caso da pinacoteca municipal, que mesmo a cidade ignorava. Anualmente, catalogavam o número de visitantes por ano. Recorde: 122. 84 por conta de uma visita escolar. No mais, somente paredes, pinturas e silêncios.

-é um ótimo lugar para estudar – dizia o recepcionista ao vigilante.

Kafka imaginou uma história sobre um indivíduo que queria entrar na justiça. A porta da arte estava aberta, e ninguém vinha.

Lá dentro, nenhum quadro famoso, nenhuma obra de vulto, do que dava prova o parco sistema de segurança, composto por dois vigilantes preguiçosos que se revezavam no sono noturno. Vez por outra, políticos anunciavam que iam revigorar o local, atrair visitantes, criar políticas de favorecimento cultural, e havia quem se animasse com tais promessas, tão curtas quanto a temporada de chuvas no Estado.

Solitário, o adolescente, que pouco compreende das regras da arte mas muito entende de sua sensibilidade e de seu ímpeto por coisas transcendentais, observa, com paciência, à procura do detalhe que lhe desperte a fruição.

Ele visita a pinacoteca com regularidade. Em dias de clima ameno, toma o ônibus e segue para o centro, sem companhia para atrapalhar. Na sua luta contra o tédio das férias e dos amigos estúpidos, busca refúgio em si mesmo e na cidade que esconde pequenos dotes estéticos, conferindo-lhe prazeres íntimos e privados em lugares públicos.

### O fim do tempo

Dez anos depois, certamente ainda se amavam, ou o que seriam as cartas trocadas em tempos em que não se escreviam mais cartas, as confissões amorosas em diários esquecidos, as mensagens escritas na noite alta em lugares virtuais?

Sim, se amavam. Mas o que ocorre é que o tempo passa.

Em cinco anos ela já acumulava dois filhos e tarefas. Arremessava-se sem medo em compromissos profissionais, fizera sucesso. O casamento, afinal, ia muito bem, aos olhos de si e de outros. E assim seguiu, triunfante, através dos outros cinco.

Por sua vez, ele não fez mais do que seguir seu protocolo nietzscheano. Dionisíaco com medida, amou até o limite as mulheres que se puseram a sua frente. Viajou a lugares solitários e desconhecidos. Escreveu poemas. Escolheu ser correspondente. Não queria ficar em lugar algum.

No ínterim de tudo isso, havia a necessidade do fim. O fim, como um começo para algo, para o novo-velho que já hospedavam, para a vida que tinham. Mas a quem caberia encerrar o ciclo?

Também se desejaram e se encontraram durante esse interlúdio. O casamento, os compromissos não impediram que se desenhasse um quadrilátero de entregas sexuais impulsivas, ternas, violentas, inquietantes. Um universo em particular.

Sim, foi a ela, em nome do marido, da carreira bem-sucedida, da consciência moral, dos filhos e do futuro que foi dada a tarefa de, numa ligação curta e direta, como um disparo certo, determinar o fim da romance, deixando espalhados na memória os fragmentos de dois corações despedaçados.

## O ciclo

Então pensamos nos círculos abertos que em razão disso não têm algo de perfeitos, ou mesmo de verdadeiros, não-círculos, linhas incompletas.

Era a definição que Moira Nunes tinha para relacionamentos. Eles tinham que acabar. As coisas não poderiam ficar ali suspensas, deveriam ser suscetíveis ao tempo. O tempo.

Ela sempre amava e fechava o círculo. Fechava um, e, somente assim, iniciava outro.

Disso, o marido discordava. Como podemos imaginar um amor como geometria perfeita? Como esquecer e viver? Como não ter um lastro de lembranças?

Ou será que usava o argumento para justificar o que não conseguia?

Nunca tinha esquecido sua adolescência, e um amor que guardava nela. Uma menina magra, da sua idade, bonita, com longos cabelos pretos. Ela o deixou poucos dias antes do natal.

Moira não entendia o motivo da veneração. Então por que não insistiu, por que não está até agora ao pé dela? O que faz aqui comigo?

- feche seu ciclo, ou é impossível ir adiante.

- já está fechado.

- nós sabemos que não.

Era o seu mantra para as noites de insônia, e para os dias em que se indispunham um com o outro, ou para quando ele dormia tarde, perdido em conversas a distância e fotografias recentes.

Mas ele dizia que isso significava pouco. Que a amava sobretudo. O passado vem, mas é quase nada o que podemos fazer com ele. Ia ficar ali, pairando sem rumo, indo para nenhum lugar. Essa era a paz que poderia oferecer.

Moira não se contentava. Pensava em um jeito de fazê-lo decidir-se, de escolher de vez. Era um absurdo continuar assim, com a vida em suspenso, estando num lugar e pensando em outro, amando o agora e o destino evanescente.

Então decidiu que a procuraria, que a tinha de encontrar, pois provavelmente não sumira por completo. Como ponto de partida, escolheu os perfis virtuais do marido.

Pois foi que achou quilômetros de conversas e juras de amor. Promessas de encontros e reencontros, de desejos saciados, de vidas unidas. Imprimiu e leu tudo com a paciência de quem recita trechos de poemas classicistas.

O que importava mesmo era a última mensagem. Definia a hora e o lugar de um encontro, e a hora e o lugar do pedido de separação que seria feito a ela, ela, que estava ali desde muito tempo dizendo que eles teriam mesmo de se reencontrar.

Por que fazer isso da pior maneira? Por que esconder algo que poderia ser muito bem esclarecido de outro modo?

Eis que chegou, então o dia. Contrariando o seu costume, ele levantou cedo e ofereceu-se para levar as crianças ao colégio. Disse que tinha de resolver umas coisas, e não voltaria pela manhã, de modo que se veriam apenas ao final da tarde.

-tente chegar cedo. Quero falar com você.

Moira era forte. Não se abateu, na verdade sequer sentiu qualquer ciúme ou ressentimento. Olhou para ele, não o beijou – pois pensou que isso já seria um gesto de cinismo – e disse até mais.

Obviamente, deixou a casa no mesmo dia. Não pôde cumprir o compromisso de encontrá-lo mais tarde, porém deixou uma mensagem que esclarecia as coisas da melhor maneira que achou possível “é assim que se fecha um ciclo”. Em seguida trancou a porta.

Mnemosine



João Antônio saiu meio que apressadamente, não queria se atrasar para o próximo encontro. Entrementes achava que não poderia fazer nada a respeito do fato de amar duas mulheres, e amava mesmo, com uma igual medida, como se seus sentimentos fossem medidos por uma régua precisa, que distribuiu seus afetos entre duas pessoas que afinal eram muito parecidas, e o fato de haver eventualmente três ou quatro não desfavorecia a equação.

Já ia passando direto para a garagem, quando lembrou-se de pagar o estacionamento. Pensava no que explicaria a segundo amada, sobre o que diria a ela para justificar mais de quarenta minutos de atraso.

-cinco reais senhor.

Olhou para o atendente, esperando que lhe desse o troco. Este então repetiu a frase anterior.

-mas eu já lhe dei.

-não senhor.

Impaciente, abriu novamente a carteira, mas viu que não tinha mais nada, e lembrou-se de que trazia a quantia certa para liberar sua saída, e esta não estava mais lá, o que levou a convencer-se de que havia pago o que devia.

-escute, eu tinha cinco reais aqui e agora não tenho mais, e se não tenho é porque lhe dei o dinheiro.

-o senhor deve ter se confundido.

-o quê?

- o senhor deve ter achado que tinha o dinheiro, mas não tinha.

João não tinha mais tanta certeza. Não sabia mesmo se havia deixado a cédula na carteira, ou se a teria dado ao homem. Começou a recapitular seus passos, do beijo de despedida na livraria ao descer no elevador, e não sabia, não havia como saber com exatidão se portava de fato o valor, muito menos se o entregara há alguns instantes ao jovem a sua frente.

-de fato, não tenho certeza.

Continuou pensando, recobrando, rememorando, porém a memória deixava lacunas irrecuperáveis, impossíveis de se completar. Era uma intriga aberta, cujas indefinições poderiam ser preenchidas com qualquer imagem: ele pagando o ticket com pressa, ou olhando a carteira e sendo traído pela cor de um pedaço de papel.

Tornou a olhar para o atendente, que lhe pareceu também inquieto, o que causou estranheza. Pensou que o rapaz poderia estar irritado por conta do impasse, mas não

parecia ser o caso. Após alguns instantes olhando para baixo, o jovem ergueu os olhos, e então encararam-se fixamente.

-não estou certo de que não tenha recebido o dinheiro.

E ficaram ali, imóveis, revolvendo as lembranças recentes, buscando evidências lógicas, refazendo caminhos. E somente um silêncio, um nenhuma resposta, com os dois parados, sem movimento, o semblante de pedra, transtornados por uma dúvida completa.

### O amor semanal

Eram um casal comum, sem nada especial. Viam-se costumeiramente, almoçavam juntos quase todas as tardes e jantavam nas noites em que tinham mais tempo. gostavam de fazer amor pela manhã, no silêncio das casas vazias, em que as pessoas saíam para o trabalho.

Guardavam ainda longas afinidades. Muitos filmes, livros e músicas em comum. Iam às livrarias, e não se importavam com o tempo que dedicavam às prateleiras. E não raro estavam na mesma prateleira sem perceber.

Frequentavam a mesma universidade, em cursos diferentes. Tinham amigos em comum, mas ele era bem mais cético quanto a isso, já que não gostava muito de ninguém. As crises de ciúmes eram pontuais: de lado a lado, elencavam um ou outro adversário. Porém isso não era mais que um charme, um gracejo. Não se importavam realmente com a fidelidade ortodoxa.

E assim seguiam alegremente, até a sexta-feira.

Dali em diante era cada qual em sua casa, independentes e distantes, num obstinado vazio de comunicação.

### História

-Escrevo-lhe este texto como um declaração de amor, um início e um fim de história – um fim que não chegará, mas como se todas as temporalidades se vissem

unidas no meio-tempo em que estamos, em que somos algo um para o outro e significamos aquilo que de mais profundo temos a nos oferecer.

Eu a amo e creio que me ama. Sim, naquele dia, com flores rosadas entre os cabelos, olhando-me de soslaio, creio que já me amou. É o que senti na forma como mexia as mãos, lânguida, tentando achar a melhor maneira de encontrar minha pele, um desejo ao qual não ofereci a menor resistência.

Amei-a um pouco depois. Foi na hora em que me inclinei para apanhar o objeto que escapara de sua mão, a pequena joia luminosa com que anda e faz par com todas as outras. Ali, sutilmente curvado em direção ao seu rosto, notei de que maneira o seu sorriso se desdobrava na face e culminava numa profusão sinestésica, de cores e sensações táteis. Fui feliz desde então.

Resta pensar no futuro. Como um perfume sutil, ele já se une às roupas e objetos que nos pertencem, confundindo-nos quanto à origem de cada um deles. E chegará, sem muito atraso, o momento em que as forças moventes da vida também se colocarão a serviço de um só caminho, um único olhar para o poente.

## A chave

O apartamento tinha um pouco mais que setenta metros quadrados de ausência. Nas paredes, um leve cheiro de tinta recém colocada e os retratos de família. Nada ali recordava o que de fato o lugar era, ou o que tinha sido nos dias que antecederam o seu retorno solitário.

Gabriel entrou na sala. Vazia. Sentou-se ao sofá e ficou pensando um pouco em si mesmo, depois nela. Ao lado, o pequeno pacote que ela havia pedido para trazer antes da viagem. Ligou a televisão e passou os canais com desânimo.

-eu não demoro. Volto logo.

Repetia as palavras que lhe foram ditas no mesmo momento em que pensava que o tempo de sua ausência não se podia medir, que a espera não depende de relógios, que toda saudade é longa. Porém, preferia apegar-se a esses pálidos signos. Ela voltaria logo, antes mesmo que ele percebesse.

Desligou a TV e foi para o quarto. Na cama, a roupa e os objetos espalhados tocaram-lhe de uma maneira inesperada. E ele, tão naturalmente calmo, tão fleumático como costumam lhe dizer os amigos, consumiu-se por uma emoção que não conseguiu ocultar, e que mesmo sozinho sentiu-se envergonhado de sentir, pois não estava acostumado a esses repentes sentimentais. Tímido e hesitante, pôs a mão nos lençóis desarrumados, e teve lágrimas e lembranças.

Seria muito ridículo se deitasse ali, entre as suas coisas? “tudo aqui é ridículo e patético, Gabriel, o que mais pode ainda deixá-lo constrangido?”, respondeu a si mesmo. E deitou-se.

Embrulhado entre roupas e livros abertos, imaginou-a entrando ali a qualquer momento, com seu sorriso largo e brilhante, atirando-se sobre ele, dizendo coisas ternas e outras libidinosas. Inebriado nessas ideias, adormeceu profundamente.

Na portaria, o zelador havia-lhe dito que devolvesse a chave o quanto antes, já que em poucos minutos chegaria a empregada. Mas disso ele não se lembrava mais.

### O ocaso da erudição

Pedro e Lana se amavam e disso não restava dúvida. Conheceram-se na faculdade, ela em letras, ele em antropologia. Não eram somente alunos destacados. Embora pobres, leram sempre com muito afincado, estudaram idiomas, escreviam e pesquisavam com dedicação e tinham talento.

Aos trinta, já havia quem os chamasse de intelectuais, embora alguns discordassem de que tais figuras ainda existissem.

Mas Pedro traía a Lana e Lana a Pedro. Amavam-se e traíam-se. Para eles era fácil de explicar: o amor nada tinha a ver com impulsos sexuais. Pensaram até em escrever algo sobre isso, e escreveriam se tivessem coragem de compartilhar suas experiências, mas não tinham. As amantes de Pedro eram assunto de Pedro, assim como os de Lana.

Esse equilíbrio frágil rompeu-se com uma visita involuntário de Pedro ao celular de sua amada. E lá estava o agradecimento pela noite e prazeres divididos. Tinha mais coisa, mas para ele bastava.

Foi para sua casa – pois não moravam juntos, uma vez que almejavam preservar sua independência – e recobrou suas ideias consagradas a respeito da fidelidade, do seu

vazio, da castração moral de que é sintoma, da vaidade e da obsessão, da reciprocidade que cancelava as ações de Lana.

Elucubrando sobre isso, quis deixar-se levar pela imagem de homem desapegado e que pouco se dava a tais questões. Ela tinha direito a suas experiências tanto quanto ele. Ao final, era algo pouco relevante.

Mas não se sentiu bem no papel, e começou a assumir uma postura compreensiva, tentando ver o fato como resultado de um desgaste natural entre os dois, quem sabe mesmo um desamor, e que o modelo de relação que escolheram conduzia fatalmente a relações paralelas.

Outros pensamentos o atravessaram, porém, não conseguia retê-los mais. A raiva o dominava. Não sentia que poderia mais refletir. Olhou por um instante a mais para sua coleção de livros, apenas para constatar a inutilidades deles no momento.

Pegou as chaves e saiu.

Ao encontra-la, iniciou a conversa explicando como chegou à mensagem. Falou do respeito pela privacidade, que sempre defendera. Disse que jamais tinha intenção de impor limites as suas ações, mas achava importante conversar acerca do que descobriu, o que seria bem melhor do que fingir ignorar o ocorrido.

-mesmo porque, você obviamente me deve uma resposta.

E foi com essa frase que tudo desandou. Ela achou que não devia nada e ele achou que sim. Ela falou que ele já havia feito várias coisas suspeitas mas não o tinha cobrado por isso, e uma ou duas vezes ouviu histórias dele por aí. Ele disse que não se poderia comparar um ouvir falar com algo concreto, que era o fato de sua mulher se comportar promiscuamente. Esta foi a última palavra menos indecorosa que usaram na discussão.

Se pensaram nas teorias morais libertárias enquanto xingavam-se, não se pôde perceber. Aos que os escutavam nos apartamento contíguo, a impressão que se tinha era de apenas mais uma briga de casal por traição, como muitas por aí.

Desclaridade

-então é logo isso. A felicidade não existe.

-e daí? Acha que é o primeiro a dizer isso?

- mas alguém tem de lembrar.

- precisa ser você?

A vida é um mergulho para o nada, qualquer coisa que se perdeu e não se encontra mais, uma hora oculta no relógio do tempo, uma imprecisão sem objetivo.

Orlando pensava sobre isso desde pequeno, com frases prematuras e um pouco de otimismo que se deteriorou com os anos. Naquela manhã, diante de sua amiga Ofélia – que concordava secretamente com ele, mas preferia se dedicar aos prazeres em vez de manter numa inação resignada – repetia o discurso que percorreu sua existência, de forma tenaz, e que sempre retomava com o mesmo argumento, de que isso precisaria ser lembrado, como um emissário que informa aos concidadão que, em algum lugar, guerras continuam sendo travadas, e o sangue de seu povo escorre junto com o das veias inimigas.

As coisas não têm significado nem importância, do mesmo modo que as nossas experiências não passam de falseamento e autoenganos. Ofélia falou em viajar, e ele respondeu que mais útil seria enfiar-se no quarto rodeada dos livros que compraria com o dinheiro das passagens.

-o turismo, você sabe, é a mais inautêntica das atividades humanas, pois é a que parece mais verdadeira. Você acha que está trocando coisas por experiências, mas está somente indo ao encontro do já visto, já programado, já descoberto. Não há nada lá de novo, nem para quem vai pela primeira vez. Tudo já foi mapeado pelos programas de TV e pelos guias turísticos, e os lugares estão prontos para receber e dar somente o que você espera, e não mais o desconhecido. Ofélia, você não fará mais do que perder tempo.

-fala isso de todas as coisas. Que diferença faz então se ficar um mês lendo ou em lugares distantes?

A diferença, diz Orlando sempre, é que se aprende alguma coisa lendo, e se descobre o que ele descobriu, que não tem mais o que se possa fazer.

Caminhavam no shopping, em meio ao turbilhão de gente que fazia compras de natal. Esbarravam em várias pessoas, mas ignoravam isso por completo. Ofélia não era muito afeita a lugares assim; preferia as praias e ambientes bucólicos, o que Orlando detestava. Porém, o que ela não entendia mesmo era como ele poderia gostar tanto de estar nesses ambientes de consumo rodeados de gente, uma vez que não era gastador e se insinuava como misantropo.

-Aqui tem boas livrarias.

E muitos conhecidos também. Famoso por seus livros e aparições esporádicas na imprensa, tinha um razoável grupo de admiradores na cidade. Quando ocorria de algum deles o cumprimentar, era invariavelmente cordial, mas procurava o quanto antes pela porta de saída da conversa. Sabia que não teria nada a dizer a eles além do trivial, então não media esforços para encontrar a deixa e ir embora. Um comportamento esquivo, diria um terapeuta.

E por trinta anos Ofélia o acompanhava. Era raro que ele a apresentasse às pessoas que vinham lhe falar, mas ela sabia que não era por ela e sim por eles. Adolescentes, ensaiaram um romance, mas viram que não daria certo. Salvaram a amizade. Claro que dormiram juntos uma porção de vezes ao longo de seus incontáveis encontros, o que ambos faziam com discrição, pois é algo que magoaria muito Rendo, seu marido, caso descobrisse, pois este acreditava em sua fidelidade e na relação entre pessoas sem contato sexual. Nos últimos anos, os amigos já não se davam ao trabalho de ter prazer juntos. Sabiam que havia coisas mais importantes a fazer no tempo em que se encontravam.

-os shoppings têm livrarias, praias não. – justifica-se.

Pelos cálculos de Ofélia, Rendo não deverá durar muito. O cigarro, em poucos anos, acabará com ele, que terminará agradecido a ela pelo companheirismo e o amor que lhe dedicara. Os filhos, já crescidos, cuidarão cada um de suas coisas, como aliás já estão cuidando. Então, o que restará serão esses passeios nos shoppings e os cafés aromatizados, com perscrutações infinitas às livrarias e algumas idas ao cinema, quando o filme valer a pena. Por vezes, Orlando cancelará em cima da hora o encontro, metido com uma ou outra amante passageira, o que não deixará de ser bom, pois terá o dia livre para tratar de assuntos femininos. E seguirão desse jeito, até o dia que, conforme combinaram já há muitos anos, assinarão a inscrição voluntária em algum asilo acéptico e que não maltrate os velhos, com enfermeiros e enfermeiras gentis e atentos aos sinais de incômodo e doença.

Falarão vez por outra com algum de seus companheiros, mas apenas por educação. Em verdade, vão se interessar apenas pelos assuntos um do outro, que nunca serão os mesmos, salvo o que ele insiste em retomar desde a adolescência.

Orlando parou em frente à vitrine. Viu a nova edição de um livro que apreciava, mas que o deixava obscurecido. Olhou para Ofélia, e ela sorriu, pois sabia o que ele pensava naquele exato instante. Ele percebeu sua adivinhação, e ambos ficaram rindo um para o outro.

- somos dois miseráveis, Ofélia, como toda a humanidade. Mas temos a sorte de saber disso. Ainda bem que nos encontramos.

Ofélia não respondeu. Limitou-se a sorrir mais fortemente. Sem pensar muito, ele seguiu para o caixa. Feita a compra, seguiram para o banco mais próximo, onde leram com atenção as primeiras frases do livro, entrecruzando-as com comentários jocosos de lado a lado. A noite não tardava a cair.

### Da metamorfose

Metamorfose. Mudança de forma. Simplificando, um indivíduo que desperta como inseto ou asno. Uma mudança, inexplicável ou não, de aparência e de natureza. Uma coisa que vira outra, e isso é algo que todo mundo vê e percebe como muita clareza.

Mas uma metamorfose pode ser para dentro. Metamorfose. Uma mudança de forma. Alguém que desperta e não é mais o mesmo, não visivelmente, e sim por algo que há em si. Uma transformação de consciência, de modo de agir, de pensar.

Metamorfose. Mudança da forma interna.

Donato não entendia com que avidez se entregara aos prazeres caseiros, às coisas do quarto e sala. Antes, não podia ficar longe da rua. Mais jovem, pegava o ônibus no caminho mais longo, com a única intenção de não estar cedo cruzando os portões, encontrando-se com o silêncio e a cama. Sobretudo, era o silêncio que o incomodava. O silêncio e a ausência de pessoas. Nunca se deu bem com a falta de pessoas ao seu lado.

Não era de falar muito nem com muita gente. Conversar, para ele, o mais trivial dos assuntos que fosse, era algo íntimo demais. Mas adorava o barulho dos carros, as músicas alheias e distantes. As luzes da rua, os cafés cheios de gente. Por vezes, ocorria de levar companhia. Como era de se esperar, preferia as femininas.

Em noites chuvosas, ficava menos só. O som o envolvia e o deixava tranquilo. Quando os ventos não eram muito fortes, abria as janelas e via a água caindo luminosa sob a auréola dos postes. Animado pelas imagens, tentava pôr coisas em seu caderno.

No dia seguinte, acordava tarde e saía. Não poderia ficar em casa.



A hora mais crítica era o fim da tarde, principalmente aos sábados. Estivesse encerrado no quarto no momento, uma angústia incontrolável se apoderava dele, uma sensação inquieta, um absurdo que era como se a existência não valesse nada. E realmente era o que pensava. A existência não tinha qualquer sentido ao pôr do sol.

Para se livrar de sua perturbação inominável, todo lugar ajudava, contanto que não voltasse antes das dez. poderia ser um passeio na praia, um filme repetido, uma ida a um bairro distante somente para comprar pão numa padaria de que se lembrava ser agradável, ou uma ida à casa de um amigo, ou alguém que fosse até mesmo menos que isso. O que importava era pôr-se em movimento.

Então algo mudou. De repente, a rua não mais o chamava, não tinha mais vontade de sair. Pegava um livro e não o largava antes de lidas cem páginas. Depois vinha um filme, fazia anotações, cozinhava. Quando a noite já estava alta, escrevia poemas ou tentava iniciar um romance. Para que sair? Somente quando o trabalho o chamasse ou houvesse algo verdadeiramente interessante. Fora disso não.

E uma metamorfose também pode ser uma mudança de forma interna. Alguém que se altera em sua conduta, seu pensamento. Donato continuava sem ver sentido em qualquer coisa, mas o desespero não o consumia mais. Era feliz estando imóvel, envolto em si mesmo, nas coisas modificadas dele próprio.

### Contra o declínio do gênio

Podemos pensar um gênio como uma invenção romântica, a consumação de um sentimento vaidoso de singularidade que dominou o homem durante um certo período histórico, mas que, a despeito dos sentimentos dos poetas ignorados, estava soterrado pelas areias da inteligência acadêmica.

Rudi era um poeta desconhecido.

Diga-se ainda que seus poemas eram bastante ruins, por qualquer lado que se olhasse. Rimava gatinhos com escaninhos, e pipoqueiro com pioneiro. Imprimia seus versos em papel ruim e vendia-os nas praças e eventos culturais públicos. Quando começou, percebeu que despertava a atenção de um número considerável de pessoas, mas que, ao olharem para os versos, embora não esbossassem nenhuma expressão

inadequada, agradeciam e não compravam. Então resolveu acrescentar uma frase antes de estender a mão com o folheto.

- vendo os livros para pagar minha faculdade.

A despeito disso, considerava-se um poeta.

E mais. Via-se como um futuro gênio. Admirava-se sozinho nas madrugadas silenciosas, recitando as linhas que escrevia após horas de intenso ofício. Gostava dessa imagem do artista esforçando-se por encontrar a grande metáfora, a ideia original e inigualável. E achava mesmo que atingia esse ponto ao repetir para si suas rimas pobres.

De tanto que falava em pagar faculdade, Rudi entrou em uma. Obviamente fazia letras. Não era paga, como dizia a seus potenciais leitores, porém tinha suas despesas próprias, o que o fazia sentir-se bem por não estar mentindo. O curso tomavam parte do tempo que tinha para escrever e vender suas obras. O lado bom era compartilhar com outros a ambição de ser um escritor reconhecido.

Numa das aulas em que chegou atrasado, entrou precisamente na hora em que o professor devassava a teoria do gênio. Preso como era às correntes sociológicas, não se furtou a denegrir os românticos, com seus contos de fadas sobre inspiração, musas, dons e capacidades pré-determinadas. Abusava de seu sarcasmo costumeiro, só que acrescido de um prazer autêntico, diferente do estilo forçado que dominava suas explanações.

Aquilo causou uma impressão forte em Rudi. Desde o início de sua vida acadêmica, ele tinha conhecimento do que lhe chegava aos ouvidos pela voz de seu magister pretensioso, mas, de algum modo, aquilo não havia se materializado até ser exposto a ele como discurso articulado. Por um instante, pensou em se manter alheio e ignorar, porém não teve forças. Ficou ali, compenetrado, absorvendo lentamente cada palavra, quase chegando ao cúmulo – para ele – de anotar o que de mais contundente estava sendo dito.

-não importa. Eu acredito no gênio.

Repetiu a frase continuamente e depois deu maiores explicações sobre ela aos amigos. Nada explica o momento da criação. A arte depende desse lume misterioso que toma conta da alma humana e converte o silêncio e a escuridão em canto e brilho, que revela ao mundo e aos homens a sua natureza. É nisso que se sustenta o fenômeno estético.

Voltou para casa e releu seus poemas. Deu uma olhada em suas apostilas de teoria, e observou o que delas estava neles. Notou que seus escritos recentes tinham mudado. Não havia mais a necessidade de rimar desesperadamente. A pipoca

desaparecera. Em seu lugar, estavam abstrações e debates existenciais. Fazia agora versos mais longos, com uma pontuação desleixada. Viu ainda que tinha emprestado um ou dois termos próprios da geração de 45. Variava nas figuras de linguagem.

Notou mas não pensou. Não quis pensar. Ignorou as ideias que lhe vinham. Deixou correr o fluxo do pensamento. Foi à janela, mirou a lua. E concentrou-se nas virtudes de seu encantamento. Quis que a magia da noite o alcançasse e dali saísse um verso. Não sentiu nada. Resolveu sair, deitou-se na varanda e seguiu observando o céu com mais afinco. Nada. Literariamente nada. Foi aí que desistiu.

### O escritor debutante

Denis queria escrever romances. Como quis em outros tempos ser pintor, escultor, fotógrafo e, no início da adolescência, comediante. sua primeira imersão no mundo das palavras se deu pela poesia, no que fracassou. Em termos de estilo de época, seus versos não eram mais do que um simbolismo informe.

Sem porta de entrada, escolheu o romance. Pretensioso como era, pressentiu que poderia fazer coisas grandes, que tinha talento. Queria começar em grande estilo. Aurea, sua namorada, concordava com ele.

-eu te amo.

-eu também.

-adoro o que você escreve.

-eu também.

O problema era a direção. Não sabia se deveria ser um romancista sério ou escrever para muita gente. As duas coisas, pensava ele, não eram conciliáveis.

-romancistas sérios ganham prêmios, mas não são famosos nem ficam milionários. Tampouco fazem filmes de sucesso com seus livros.

Denis era vaidoso. A possibilidade da fama o encantava. Pensou um ou dois dias, e decidiu que iria pelo caminho do sucesso. Sem essa de artista obscuro apreciado por meia dúzia de críticos. Queria andar pela rua e ser reconhecido. Queria ter gente perguntando com quem era casado, com quem saía. Queria ter fãs-clubes e mais de um milhão de seguidores.

Precisava ainda de um gênero para sua primeira obra. O que iria escrever? Histórias de amor? Suspense? Espionagem? Fantasia? Como era seu primeiro trabalho, não era bom arriscar. O ideal era seguir por um caminho seguro, mas com alguma criatividade.

- zumbis estão na moda. É o que todo mundo lê hoje em dia.

Perfeito. O conselho de Lennon, viciado em séries, foi acatado prontamente. Um romance de zumbis. Certamente lhe daria grande fama e uma legião de admiradores. Porém sentia que faltava algo.

Nascido na classe média-alta, Denis teve uma educação esmerada, e o inconformava fazer algo que não aproveitasse seus conhecimentos acumulados ao longo de anos de esforço, que agora corriam o risco de se tornar inúteis, uma vez que para fazer o que pretendia bastava ter assistido à televisão.

Então lembrou-se de Eco, e imaginou que era ali que deveria salvar-se, nos rumos do romance erudito. Ao pensar dessa maneira, deu um longo sorriso. A fórmula estava completa.

Os componentes estavam dispostos em sua mente. Um romance de erudição, zumbis, linguagem coloquial mas bem trabalhada, o sucesso, o dinheiro, a fama. Abriu o laptop e começou a pensar num enredo que abarcasse suas ambições.

Lembrando das letras de Jim Morrison, que sua namorada adorava por conta de seu irresistível sexy appeal, veio à memória o famoso cemitério em que ele havia sido enterrado. Uma rápida ida ao site de buscas, e os nomes dos famosos afluíram a sua frente, bem como o título de seu conto: “Os ressuscitados do Père-Lachaise”.

Imaginou, então, a história: Proust, Balzac, Wilde e Prudhomme seriam os primeiros a romper as lápides de marfim e pensariam de início em não fazer nada, no que foram demovidos pela ala dos militares que, liderados pelo Marechal Murat, arquitetaram um plano para a tomada de Paris. Moliere e Rossini se encarregariam do tom dramático da empreitada, enquanto Melies e Delacroix discutiriam sobre sua representação. O inimigo comum não seriam os indivíduos humanos, os quais, ao contrário, seriam bastante apreciados como escravos e fonte de alimentos, mas a pós-modernidade, que funcionaria como uma espécie de nêmesis coletiva. O objetivo, afinal, era recuperar os valores estéticos e morais perdidos no passado.

O viés romântico ficaria por conta de Abelardo e Heloísa, cujo reencontro, agora para a eternidade, seria marcado por um forte tom sentimental, bem ao estilo dos amores vampirescos adolescentes. Ao saber disso, Áurea sorriu alegre, parabenizando Denis por

sua inventividade e fabulando com ele as inúmeras benesses próprias da vida de um escritor de sucesso.

### Os deuses na terra

Os deuses estão aí distantes, mas querem estar na Terra. Os homens, por sua vez, possuem esse privilégio.

Ingman queria ser um deus, faltava-lhe algo que o tornasse. Mas um deus como se faz? Não poderia ter superpoderes ou coisas assim, ou frequentar o Olimpo distante. O vinho há muito que tinha sido inventado.

Entretanto, tinha algo que Ingmar poderia ter: fiéis. Seguidores resolutos que o admirariam e o acompanhariam a qualquer lugar. Ele como fonte de veneração. Um amor incondicional e inexorável emanando dos que estavam ao seu redor.

Não precisava de muitos. Poucos bastavam. Ou melhor, poucas. Já que possuía a prerrogativa de escolher quem o adoraria, queria que fossem mulheres, mesmo porque a relação seria atravessada pelo encontro amoroso.

A adoradora também não poderia estar desprovida de qualidade. Fiéis estúpidos não nos enaltecem em nada, era o que imaginava. Então trataria de escolher bem, de conquistar a admiração de quem merecia Admirá-lo.

Lúcia era inteligente, pensava em coisas românticas e políticas, acreditava no amor à moda dos dias de hoje, com uma ponta de sarcasmo e ceticismo. Lia bastante. Ouvia rock indie. Além de ter lábios convidativos. Ingman se aproximou com cuidado, pois não poderia se apaixonar. Um deus não adora com mais afincado que seus servos.

Ele a amou e ela o amou. Aí começou o processo. O primeiro momento foi negativo. Era preciso varrer suas convicções, seu passado, colocá-lo sob um crivo impiedoso e radical. O que havia feito, o que fez antes dele não era mais do que um prólogo enfadonho, ou menos, um nada que fez passar inutilmente o tempo. Seus amigos eram idiotas. Suas paixões, esdrúxulas, e suas certezas vinham do senso comum. Foi um trabalho longo e penoso para ambos os lados, porém com uma vitória brilhante ao seu término.

O segundo foi positivo. Alimentar, com doses controladas de afeto, o sentimento desperto. Curiosamente, essa foi a parte mais difícil. Lúcia parecia não achar suficiente.

E não era. Para quem conservava um espírito de divindade, a dádiva parecia ser a mais difícil das práticas, quando realizada costumeiramente. “milagres não ocorrem o tempo todo”, pensava consigo.

Passaram meses para que Lúcia se pudesse dar por convertida. Não que a partir daí houvesse somente momentos de fé. Muitos foram os desvios, idas e vindas, mas era inegável que o venerava.

Que deus se contentaria com um só sacerdote? O êxito de Ingman tornou sua vontade um vício, que ficou completamente fora de controle. A cada mulher que aparecia em sua vida, um tentativa. Não chegaram a ser poucas as que adentraram em seu mundo. Mas a grande maioria obviamente se esquivava, chamando-lhe louco.

“você não podem, não são capazes de me compreender”, pensava ele, e às vezes dizia às garotas, de maneira um pouco mais sutil. “os deuses estão além do entendimento humano”. E assim, Ingman se esquecia de que era humano.

Demasiado humano.

### Desrazão impossível

Sando queria enlouquecer e não sabia como. Desde pequeno, a ideia de perder a razão por completo o atraía. Bastava olhar para um esquecido na praça, falando solitário entre as estátuas de bronze, que algo aflorava dentro de si. Queria ser louco, ficar sob olhares de estranheza. Quando chegou à adolescência, contou o desejo à mãe.

-não diga bobagens.

-e por que não? Eu quero ser louco.

-ninguém pode ser louco por vontade. Não se escolhe isso. Agora vá para a escola.

Embora não levasse em conta o que dizia sua mãe, teve de lhe dar razão daquela vez. Ninguém escolhe ser louco. A loucura de que falam as canções e poemas não passa de uma lucidez vacilante. Esboçar, mesmo que palidamente, um discurso sobre a loucura já é prova de domínio mental. Doidos autênticos não pensam sobre sua irracionalidade.

Mas como tornar-se louco? De pronto descartou as alternativas violentas. O resultado poderia ser bem diverso do esperado. Experimentou as drogas, mas se viu sem

disposição para continuar depois das primeiras tentativas. Deveria haver uma forma mais rápida e eficiente.

Começou a se perguntar qual seria o caminho tomado pelos insanos, o que fizeram eles que os tornou dessa maneira. Vasculhando os casos históricos, não encontrou um exemplo que parecia lhe valer. Os casos de demência que identificou eram todos ao menos aparentemente involuntários, uma obra do acaso, sem nenhum caminho a ser percorrido.

Resolveu procurar um médico. Como não conhecia nenhum, marcou uma consulta com o psiquiatra, a fim de questioná-lo acerca do tema. Os quatro primeiros se recusaram a continuar as sessões. O quinto afirmou que ele não tinha o que procurar.

-o simples fato de você querer ser louco já avisa que você não é normal. Está no caminho certo para o seu objetivo.

Desanimado, cansado de perseguir uma meta que se afasta a cada instante, deitou-se na rede e embalou seu sono, que não vinha. Olhava para o céu enquanto pensou que o mundo era um lugar absurdo mas bastante lógico, e que nós nascemos predestinados a compreender a linguagem obscura com que a realidade se desenha, e que somente poucos afortunados tinham a sorte de desfazer esse ciclo de compreensão.

Sando passou os anos, fez muitas coisas, desistiu de outras, porém não enlouqueceu. Já na meia-idade, conseguia sem nenhum esforço pensar as coisas tais como se davam a todo mundo. Por vezes, quando não tinha outros afazeres, sentava-se no banco da praça, a mesma que costumava a visitar na infância, e ficava a espreitar os segredos que os esquecidos compartilhavam com as estátuas de marfim, as frases de uma conversa localizada para além de todo sentido.

## Percepção

Suzana adorava o espírito crítico. Amava a si mas não se perdoava, era o que dizia. Amava alguns outros e os perdoava menos ainda. Desamava muitos. Mas com estes não era menos implacável do que com os seus. Uma mulher intransigente com seus valores, diziam os mais próximos.

Até que vieram os filhos. Paulo e Bernardo, duas belas crianças afáveis, e, como a maioria das outras, dadas a todo tipo de brincadeira e rivalidade fraterna. Discutiam, conflitavam, e viravam a casa ao contrário. Crianças normais.

Apaixonada, Suzana não via sequer uma falha nelas. Nada que pudesse ser veementemente repreendido, um só ato que não pudesse ser reputado às características comportamentais inerentes à infância. Cada fase tem o seu momento, e eles seguiam rigorosamente o cronograma.

Isso durou até mesmo quando os meninos esbarravam na adolescência, quando já podiam dar maiores prejuízos e respostas mais malcriadas. Suzana contornava os percalços pacientemente. Sorria, explicava a situação, e aguardava a compreensão dos já não tão pequenos.

-minha mãe nunca conversou comigo. Disse a mim mesma que jamais seria uma mãe assim.

Por vezes, irritava-se. Então punha os dois de castigo, o mais velho como principal responsável. Mas isso durava pouco. Bastava que eles fizessem expressões mais tristes, juntadas com palavras de carinho e afagos, que ela logo se rendia e lhes dava novamente a concessão para fazer o que quisessem, afirmando que eram meninos muito especiais, que reconheciam facilmente seus erros e mudavam sua postura.

Mudavam mesmo, mas por pouco tempo. O tempo da mãe virar as costas, de se ocupar com o trabalho, e se sentirem novamente à vontade para ir de um lado ao outro, para brigar entre si, para quebrar móveis e permitir que Dara, a cachorrinha que criavam como se fosse gente, destruísse cada objeto deixado ao seu alcance.

Geórgia, sua amiga de infância, cansada de ver a irritação constante de Suzana, cuja causa todos receavam em nominar, resolveu dar-lhe uma ou duas sugestões básicas.

-sabe, acho que seria bom para você se tivesse a cooperação dos seus filhos. Não que sejam más crianças, porém sinto que elas não a ajudam como deveriam. Uma organização mínima em casa é bom tanto para você quanto para eles.

Suzana não respondeu de imediato. Hesitou um instante, e Geórgia viu em seu semblante uma surpreendente cara de espanto.

-não acho que tenha razão.

Após se despedirem, Suzana tratou imediatamente de apagar de sua agenda e das redes sociais o contato da agora ex-amiga. Pessoas capazes de ver essas coisas nos filhos delas não poderiam ser boas, pensou. É melhor mantê-las bem distantes.

O quarto e o dia



Após uma leitura atenta dos clássicos, das obras-primas, dos livros afamados, dos malditos, dos pouco lidos, dos de melhor sorte, dos canônicos, dos esquecidos, já na maturidade da vida, ainda solteiro, Otton Reis ainda não sabia se Nietzsche ou Schopenhauer.

Oscilava entre o silêncio e o êxtase solitário, a vida ou sua resignação, o querer ou o nada. Mas não conseguia. Um passo para o lado e lá estava a dúvida. Imaginava um concílio entre os dois, mas não conseguia encontrar. Por fim, pensou em não se decidir e deixar essas coisas de lado, porém incomodava –lhe o pensamento de que este era um ato de inautenticidade e covardia.

- a filosofia não só se pensa. Vive-se.

- só se pode aprender a filosofar.

As implicações práticas eram óbvias. Amar ou não. Deixar-se conduzir pelos impulsos ou abandonar-se ao recolhimento. Ter algumas paixões e amizades fieis ou viver à companhia dos cães. Colocar-se definitivamente no mundo ou ler alguma coisa de metafísica.

Paralisado pelo dilema, entregou-se a dias e dias de inquietação e lamento. Por vezes achou ser impossível tornar-se filósofo. Era melhor ser unicamente um intelectual, um erudito que seja, até mesmo um dândi a proclamar uma existência estética, mas nunca, nunca filosófica.

- escolher uma doutrina filosófica não passa de modismo de estudantes neófitos. Ninguém é obrigado a fazer algo assim. Mesmo porque viver não é uma atividade que se resolve com livros.

Vagando pela cidade, completamente a esmo, ele olhava as pessoas em volta e tentava adivinhar quem poderia naqueles instante colocar-se de frente com os mesmos problemas que o atingiam. Contudo, via somente rostos despreocupados. Era domingo e as pessoas não faziam mais do que se divertir.

A juventude produz ilusões, pensava consigo. Não era ainda o tempo das respostas. Consumido por sensações perturbadoras, Otton Reis decidiu-se por ir para casa. A noite ficava melhor acompanhado da esposa. A filosofia que esperasse seu tempo.

## Perfeição

Agora Hans era um adulto de ambições razoáveis e gostava de impressionar os outros. Gostava mas não queria se deixar perceber gostar. Adorava, aliás, que lhe dissessem que não se importava. Queria estar, como sonhara e como tão poucos, além do bem e do mal.

Seu sobrinho era Emilio. Desde há tempos, o tio lhe tinha uma certa perturbação. Por quê? Não sabia.

O menino não preocupava quem quer que fosse. Contava 12 anos, e interessava-se por coisas da sua idade. Era, ele mesmo admitia, um tanto preguiçoso. Não gostava de muito trabalho. Normalmente a mãe lhe pedia as coisas mais de uma vez.

A única coisa à qual se dedicava um pouco mais era a música. Quando se irritava com os assuntos da escola ou com o irmão, corria para o teclado, presente do pai, que não fazia nada senão o que pudesse agradar ao filho. Tinha um especial interesse pelos arranjos de música erudita, que executava com certa habilidade. Em sua família, havia quem visse nele um talento e um futuro promissor. Mas por enquanto, aquilo não passava de um passatempo.

Hans olhava fixamente para Emílio enquanto tocava numa espécie de sarau de domingo organizado após o almoço. Não eram todos que davam importância à execução; as crianças, por exemplo, corriam alheias. Mas certamente estavam ali muitos que, assim, como Emílio, dedicavam grande atenção à música. Com os dedos firmes e pesados, ele encerrou sua apresentação com um acorde intenso. Alguns aplaudiram de pé. O jovem não olhou para ninguém. Apenas levantou-se e dirigiu-se para os doces sobre a mesa. Seu andar era vago e desapressado. À avó, que o abraçou e beijou de maneira efusiva, deu somente um breve gemido de aprovação. Apanhou os doces e comeu.

Foi então que Hans percebeu. Seu sentimento para com o sobrinho não era de irritação ou antipatia, e sim de inveja. O que ele buscava com tanto esforço encontrava-se naturalmente em Emílio. O olhar distante, translúcido, praticamente búdico, a pousar em objetos de forma completamente aleatória. O andar completamente indiferente, e ainda uma economia verbal que não desperdiçava palavras. O garoto dizia o que considerava ter que ser dito, não mais.

Pensativo, desde então Hans decidiu acompanhar os passos do menino. Este seria seu guia secreto, seu mestre, o sábio que lhe mostraria com seu exemplo os caminhos ocultos os quais o pensamento preciso de Hans não lhe pôde revelar.

Desamor

Odila dava como certo que não o amava mais.

Era certo. As palavras estavam escassas, os assuntos em comum eram mínimos, o sexo mecânico e sem ímpeto.

Mas prosseguia, com ele, na vida dele.

Conversavam amenidades no café e não se viam o restante do dia. Chegavam à noite. Pouco se diziam. Ele na TV e ela folheando revistas.

Até que se cansou.

Mas ficou surpresa ao relatar isso a Maurício. Correram de seus rosto lágrimas sinceras. E olhe que nem tudo que sentia ela havia-lhe dito.

- não acha que estamos cansando um do outro? Praticamente não fazemos mais nada juntos.

- não imaginava que se sentisse assim.

Pensou que só poderia ser o fim. Foi para o quarto e olhou para o seu lado do guarda-roupa. Calculou o tempo para colocar as coisas na mala. Não muito. Teria de ver onde levar os sapatos.

Maurício saiu.

Ela pensou que ele não a encontraria mais quando voltasse. Pegou a mala. Olhou umas fotografias – gostava delas, ele detestava – e sentiu uma saudade antecipada. Refletiu sobre o significado do amor e o seu desaparecimento. Admirou a própria coragem de ser sincera.

Recostou-se ao sofá, e adormeceu por um instante. Reabriu os olhos, e a noite começava a cair. Virou-se para a porta. Aberta. Um convite.

No telefone, a música que lembrava de ambos. De fato, não sabia se comportar diante de tantas lembranças. Normalmente, era fria. Mas agora seria, pensava, a última vez que olhava para os objetos tão caros aos dois. Entristeceu. Porém lembrou-se de que o amor não existia mais e que só havia o passado.

Levantou-se, começou a arrumar as coisas.

Maurício chega. Os dois se olham longamente. Sem dizer muito, guardou o resto das roupas e disse que apanharia os sapatos depois. Ele anuiu com a cabeça. Passou rente ao seu corpo, abraçou-o, sentiu sua respiração em seu rosto e virou-se para a porta aberta.

A noite trazia consigo numerosas gotas de chuva. Sem muitas alternativas, restou-lhe esperar o amanhecer.

### Perfeição

Lene queria somente acertar o alvo em sua mira, não errar, ser perfeita, atingir em cheio a meta. Não se conformava com menos. Odiava a pequenez. Onde se viu acreditar que fosse mediana? Era incapaz de lidar com o razoável ou mesmo com o bom. Nada de ressalvas para ela.

Escreveu um livro e foi ignorada. Escreveu outro. Ignoraram-na de novo. Não desistiu. Fez o terceiro, e uma editora recém aberta resolveu lhe dar crédito. Não vendeu mais que duzentos exemplares.

Disseram-lhe, então, que escrever não era para ela. E para quem mais seria? Somente Lene poderia ter as ideias que tinha. O mundo precisava disso, de alguém que lhe dissesse coisas que sequer eram suspeitadas pelos demais. Haveriam de reconhecer isso cedo ou tarde.

Seria verdade? Não faltavam escritores esquecidos, provavelmente o número deles era muito maior do que o de lembrados. A esse argumento, Lene respondia que não existiam números que comprovassem tal afirmação.

-não existem justamente porque são esquecidos. Para contar seria necessário lembrá-los.

Resolveu abandonar suas ambições iniciais. Voltou ao começo. Enveredou pelo caminho da não ficção, onde não precisava inventar histórias, somente contá-las direito. Passou a vagar pela cidade e ouvir pessoas. Um livro com um relato sobre passantes, gente que gostava de andar por aí. Daria certo. Alguém fez isso antes?

Voltou ao quarto, ao computador, à página. A noite era longa. O trabalho viria de manhã. Uma escritora de madrugada e fins de semana. Mas não se desagradava dessa imagem de artista insone, vagando pelos cômodos vazios da casa, olhando para a noite e

formatando percepções difusas. Pena que o cigarro saiu de moda e o álcool lhe dava dores de cabeça. Mas também não tinha por que ser perfeito.

Levaram uns anos para entregar a um editor paciente e amigo o seu relato. Gostou do que fez. Enfim, tinha escrito algo que a deixou satisfeita e despreocupada, pois sabia que o que fizera guardava um poderoso sentido. Mostrou ainda o texto ao namorado e alguns amigos. Gostaram. O cônjuge disse que foi o primeiro livro dela em que não dormiu lendo.

O livro fracassou. Meses após frequentar as prateleiras, os exemplares nem mesmo mudavam de lugar. Eram como lacunas ou apoio para os demais livros. O editor quis consolá-la com um clichê bastante frágil “o livro certo no tempo errado”.

Intrigada com o insucesso inexplicável, viu iluminar-se ali a ideia para seu novo projeto, que marcaria a sua volta a ficção, compondo a narrativa de um grupo de escritores geniais porém esquecidos, condenados a escrever para uma época que não lhes pertencia.

### Anti-heroi

Hendo não quis mais trabalhar. Julgou uma bobagem ficar seis horas recebendo dinheiro e passando troco numa agência bancária. Um dia tomou café e disse que não iria. Não foi. Os pais o ouviram e entenderam. O filho não poderia se deixar oprimir dessa maneira.

-e o que vai fazer da vida?

-algo que goste.

-isso é infantil.

-ridículo até.

-tudo bem.

A reprovação dos amigos não o incomodava, mesmo porque os via pouco. Tinha algum dinheiro guardado, poderia se virar com ele. Os pais viviam em situação confortável. Sem preocupações e sem trabalho.

Abandonou também a universidade. Poderia estudar sozinho em casa. Para que diploma se não queria mais ter profissão? Juntou seus livros e viu que tinha ainda um

bom tempo até se esgotarem as leituras. Passou por duas vezes mais na sala de aula, conversou com alguns amigos e partiu sem aviso.

Então sumiu da vista de todos. As ligações somente o encontravam na rua. Os que estavam na rua não o viam. Começou-se a especular.

-deve ter viajado.

-ou adoecido.

-talvez internado.

-vamos até a casa dele.

O pai lhes respondeu o que de algum modo pressentiam. Ausente. Como o senhor estava de saída, preferiram deixá-lo sem fazer perguntas. Esperaram em um restaurante próximo a sua casa, e nada. Desistiram. Pelo menos sabiam que ele permanecia na cidade, apesar de estar para eles completamente invisível, além de seu alcance.

Certa vez, enquanto dirigia, Dimas o avistou. Tinha o andar calmo e lento. Os óculos escuros cobriam-lhe o olhar. Virou-se para acompanhá-lo enquanto passava, a fim de saber aonde ia, mas não conseguiu distinguir bem o seu caminho. A velocidade e o trânsito impediram-no de parar.

Após isso, Hendo sumiu de vez. As notícias avulsas foram interrompidas. Os pais mudaram-se para endereço ignorado. Novamente, os amigos voltaram a especular.

Foi aí que Carlos garantiu tê-lo visto em um programa televisivo. Não conseguiu ver o nome do indivíduo falando na tela, mas tinha certeza de quem se tratava. Começou a assistir no momento em que ele falava, em língua inglesa, sobre a vida como caçador de rinocerontes africanos, além de outros animais perigosos. Quando Perguntado sobre o motivo de fazer esse trabalho, respondeu laconicamente “minha vida anterior não fazia sentido”. Ouvindo essa frase, os demais amigos extinguiram as dúvidas e deixaram de perguntar sobre o antigo parceiro e agora caçador de feras.

Lugar

Difícil caminhar nas cidades quentes, onde o clima castiga e sol não se põe senão quando já estão os homens carregados de cansaço, dispostos tão somente a

entregar-se a um doce e prolongado nada. Não, o flaneurismo não foi inventado para os trópicos, é uma invenção autenticamente européia.

Digam isso a ele, Theodor, que aos fins de tarde não desiste de levar seus passos por livrarias e cafés modestos no centro, vagando pelos prédios antigos e a pensar em formas de fruir o tempo ali. A despeito da transpiração que o envolvia, ia incontinenti, realizando um trajeto que aos outros parecia o mesmo, mas que guardava sutis diferenças de um para outro.

Theodor guardava um segredo. Não caminhava por divertimento. Andar para ele era uma forma de fugir de uma inquietação que não sabia nominar, e que o perturbava especialmente ao pôr do sol, quando não havia chuva. Nesse momento, sentia-se tomado de uma angústia profunda, que o conduzia a uma forma muda porém mordaz de desespero.

Pressentiu o mal adolescente, nos momentos em que ficava em casa, sozinho, a olhar para os móveis e para programação tediosa da TV. Tinha amigos que pouco lhe valiam, as coisas ao redor o incomodavam e não sabia explicar a ninguém. Calou-se e viveu sua agonia em segredo, e assim prosseguiu.

Por vezes, quis associar seu mal-estar à solidão e ao tédio. Inventou mil coisas. Foi a festas, bebeu, criou inúmeros romances reais e outros imaginários. Quis viajar, conhecer o mundo e outras pessoas. Projetou um modo de vida e foi bem-sucedido, mas não adiantou.

Descobriu aí que andar lhe fazia bem, que o acalmava, que o punha numa dimensão em que poderia tranquilizar-se por um tempo. Então, na hora exata do desassossego, acelerava os passos pelas ruas e automóveis, olhando a paisagem ao redor. Por instantes, pensava muitas coisas sobre o dia. Em seguida não pensava em nada específico. E assim seguia.

A calma, no entanto, não durava a noite inteira. Passadas algumas horas, o efeito se esvaia e lá estava ele sozinho, de um lado para o outro da casa, pensando em como escapar ao abismo. Mais uma vez, executava as velhas fórmulas fáceis que não tinham qualquer valia. Ligava para amigos, tentava rever garotas, procurava companhias insatisfatórias. E lá continuava o vazio, como um cão fiel a vigiar-lhe os passos.

Não fossem a fama de louco e as preocupações da família, tão logo viessem os primeiros sinais da visita noturna do nada, tornaria a caminhar. Mesmo que encontrasse o perigo, este não seria maior do que os que havia nas noites em que mergulhava. Quem

pode suportar algo a corroer-lhe de maneira tão intensa a mente e o corpo? Desconhecia quem o suportasse além dele mesmo.

## Casamento

Ela queria casar-se. Ele também. E foi por isso que se meteram numa igreja quase vazia e fizeram os votos. Foi um erro. Reconheceram dois anos depois.

Tiveram ainda anos de idas e vindas, encontros e desencontros, até irromperem no término anunciado desde o segundo mês, momento em que perceberam que não se amavam mais e insistiram por pura teimosia. Uma teimosia que custou bastante caro financeira e sentimentalmente aos dois.

Os hábitos, no entanto, demoram a sair. Por muitas noites, Dana, o noivo, pensou na ausência de Estela, que dormia costumeiramente do lado direito da cama. Ela adorava levantar-se e de imediato olhar-se no espelho ao lado. Ele tinha essas lembranças e demorava a dormir. Pois é impossível acomodar-se tão facilmente à solidão depois de ter amado, ainda que por um breve instante.

Ela, por sua vez, seguiu em frente sem dizer muita coisa. Apenas chorou enquanto teve lágrimas. Quando secaram, não chorou mais. As mulheres esquecem-se de uma vez, é a teoria dos homens.

Muito tempo depois, Dana continuava a falar aos amigos sobre sua inquietação. Os olhos brilhavam, e ele passava a dizer as palavras vagarosamente, como que rememorando algum evento específico.

- a filosofia mesma nos avisa que não é boa ideia se casar. Porém duvidamos disso. Insistimos, e o resultado nunca é bom. Porque passamos a saber que existe algo ali que vale a pena, embora não nos conduza à satisfação.

- isso é passado amigo. Vamos pensar em outros assuntos.

Seguiu então solitário, melancólico, passando a amar o silêncio e o vazio. Por vezes, sucumbia a um desejo fortuito, deixando-se conduzir por ele em corpos femininos. Mas sua fidelidade não lhe permitia ir além de algumas semanas. Passado o período, retornava à solidão à qual se afeiçoara.

Dali em diante, restaram os livros.



Enquanto isso, em uma outra cidade, uma metrópole, sentada numa mesa de escritório, Estela contava os dias para a chegada das férias. Os filhos, já crescidos, não representavam qualquer problema a sua viagem. Havia de retornar a terra natal, a fim de encontrar os pais e mais meia dúzia de amigos. Feliz consigo mesma, com os resultados obtidos na carreira e na vida particular, ela sequer pensava em seu passado ou em alguém que ainda pensasse nela. Em sua existência, jamais tinha dado atenção aos conselhos dos filósofos. “sorte minha”, pensava consigo mesma.

### Subjetividade

São as mesmas perguntas para nenhuma resposta. Os homens ouvem e não querem dizer. A escrita avança. O tempo não existe mais. Perdeu-se tudo.

Tomado por sensações e pensamentos difusos, ele se ergue e não encontra mais ninguém.